

Domingos Fernandes e as peripécias de um editor camoniano

*Sheila Moura Hue**

Resumo: O artigo pretende, através da análise de elementos tipográficos e paratextuais, investigar as práticas editoriais de Domingos Fernandes, organizador de seis (ou sete) edições da obra camoniana, todas impressas às suas expensas. Para tanto se observam as estratégias relativas à escolha dos protetores do livro, os critérios editoriais, como os que dizem respeito à atribuição autoral, e o aproveitamento dos paratextos organizados pelo impressor Estêvão Lopes.

Palavras-chave: Domingos Fernandes. Edições camonianas. Luís de Camões. Paratextos. Práticas editoriais.

Abstract: The aim of this paper is to investigate the editorial practices of Domingos Fernandes, who organized and commissioned six (or seven) editions of Camões' works. Based upon the analysis of typographic elements and prefatory material, I focus on the strategies for electing the book's dedication, the editorial criteria (attribution of the authorship, etc.), and the appropriation of the prefaces published by the former editor of Camões, Estêvão Lopes.

Keywords: Camões' editions. Domingos Fernandes. Editorial practices. Luís de Camões. Prefatory materials.

As Rimas de 1607

Pelo alvará real da edição de 1607 das *Rimas* somos informados da morte de Estêvão Lopes, de cuja tipografia saíram as duas primeiras edições das *Rimas* (1595 e 1598). Os direitos de impressão e venda,

* Doutora em Literatura Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Coordenadora do Núcleo Manuscritos e Autógrafos do Pólo de Pesquisas sobre Relações Luso-Brasileiras do Real Gabinete Português de Leitura. E-mail: sheila_hue@yahoo.com.br.

informa-nos o alvará, passam à viúva, Vicência Lopes,¹ que, por sua vez, passou a Domingos Fernandes, livreiro da biblioteca da Universidade de Coimbra, a função de publicar os livros. As *Rimas* de 1607 são o primeiro trabalho de Domingos Fernandes como editor da obra de Camões.

Ao compararmos as duas edições da lírica camoniana sob a responsabilidade de Estêvão Lopes e a primeira elaborada por Domingos Fernandes, percebemos uma grande disparidade no que diz respeito ao trabalho tipográfico e editorial. Várias características internas da edição de 1607 levam a crer que tenha sido resultado de um percurso bastante acidentado. O primeiro indício são os dois tipos de frontispício encontrados nos exemplares de 1607: alguns trazem a esfera armilar e outros o escudo de Portugal – o que talvez se relacione a duas possíveis tiragens desta edição. Há ainda outras diferenças entre os exemplares: alguns trazem mais sonetos laudatórios que outros; uns têm a epístola à Universidade de Coimbra e outros não; além disso, o soneto 104² é incluído em alguns e está ausente em outros. Os erros de numeração das páginas – muito comuns nas edições portuguesas do século XVI – também variam de exemplar para exemplar. Sena (1980a, p. 41) observou que também há variantes textuais nos exemplares dessa edição.³ Há ainda variações tipográficas, como a alternância de cadernos compostos por diferentes tipos de letra, o que pudemos observar em vários exemplares que examinamos na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.⁴ O caso aqui é bastante semelhante ao da edição *princeps* de *Os Lusíadas*, e as irregularidades entre os exemplares são o testemunho de um acidentado processo de impressão e revisão de provas. O emprego de diferentes tipos de letra provém de duas tipografias: a de Pedro

¹ “[...] o dito seu marido era falecido e ela ficara pobre, com cinco filhos sem outro remédio mais que o meneo de seus livros”. Privilégio real, datado de outubro de 1605. *Rimas de Luis de Camões acrescentadas nesta terceira impressão. Dirigidas a la inclita Universidade de Coimbra*. Lisboa: Pedro Crasbeeck, à custa de Domingos Fernandes, 1607.

² “Quem quiser ver d’Amor uma hũa excellencia”

³ “Edição que, como as ‘duas’ primeiras e *Os Lusíadas*, tem dois frontispícios diferentes, como é sabido, e também variantes textuais, como verificamos”.

⁴ Dias (1995) observa que o livro não foi impresso por Pedro Crasbeeck, pois os tipos itálicos e as capitulares são os usados na oficina de Antônio e Vicente Álvares. No entanto, essa mesma mistura de cadernos impressos com diferentes tipos de letra também ocorre nas primeiras edições de *Os Lusíadas* feitas por Domingos Fernandes (1609 e 1612) que, ao que parece, e como confirma a edição de 1616 das *Rimas*, usava os serviços dessas duas tipografias conjuntamente para compor um mesmo livro, que trazem cadernos impressos pelas duas tipografias.

Crasbeeck, a quem a impressão é atribuída na portada, e a de Antônio Álvares e Vicente Álvares, – o que nos leva a acreditar que Domingos Fernandes tenha contado com os serviços das duas tipografias para a confecção dessa edição, e também de outras, como veremos adiante.

Excetuando essas peculiaridades tipográficas e editoriais, as *Rimas* de 1607 são uma reedição das impressas em 1598: apesar de o título dizer “acrescentadas nesta terceyra impressão”, não houve nenhum acrescento. O que muda é o paratexto, agora organizado por Domingos Fernandes. O livro passa a ser dedicado, não a D. Gonçalo Coutinho, como ocorrera sob a responsabilidade de Estêvão Lopes em 1595 e 1598, mas “á inclyta Universidade de Coimbra.” E o prólogo ao leitor, quase idêntico ao publicado anônimo em 1598, agora apresenta algumas atualizações e a assinatura de Domingos Fernandes – portanto se o prólogo de 1598 era, como podemos supor, de autoria de Estêvão Lopes, em 1607 Domingos Fernandes apropriou-se do texto do falecido tipógrafo.

No que diz respeito à recepção da obra camoniana por seus contemporâneos, é muito elucidativa a epístola dedicatória à Universidade de Coimbra, por mostrar – como já havia evidenciado Estêvão Lopes em 1598 – as críticas que as obras de Luís de Camões vinha recebendo, e por refletir sobre as funções políticas das epístolas dedicatórias:

Costume foy sempre muito usado, para a defensão de obras ilustres, buscarem os autores dellas, varões famosos: E quanto mayores erão as obras, tanto mais se desvelavão por encomendalas a mais poderosos defensores [...]. Mas como a malícia de muitos, tenha tam dilatado pelo mundo o império dos maldizentes, que até contra obras conhecidas da divina Onipotencia se atreverão (CAMÕES, 1607).

Domingos Fernandes, na contramão das praxes editoriais, diz-se convencido de que dedicar livros a pessoas ilustres é estratégia

quasi de todo frustatoria, e sem proveito pois por maior senhor, príncipe ou monarca que seja defensor dellas, a experiencia nos tem desenganado, não lhe poderem valer cousa alguma, para não serem caluniadas.[...] Donde ensinados alguns autores,

se ocuparão em filosofar outros meios mais convenientes e descobrir outros caminhos mais seguros (CAMÕES, 1607).

Portanto, para combater os “furiosos ventos dos invejosos”, conclui que ninguém melhor poderia proteger a obra de Luís de Camões do que a Universidade de Coimbra – que é enaltecida por seu livreiro em tom grandiloqüente. Para justificar a dedicatória, e dando a sua contribuição pessoal para a construção da biografia camoniana, Fernandes afirma que Luís de Camões é “filho” da Universidade:

Pois nascendo elle nesta vossa cidade de Coimbra, a vosso peito, como mãe natural o criastes tantos anos. [...] A quem senão a vós, se deve encomendar esta proteção de um vosso filho, discipulo e amigo, e mais sendo ele já morto para se nam poder defender (CAMÕES, 1607).

Se a proteção de D. Gonçalo Coutinho não sido suficiente para defender o livro dos ataques dos contemporâneos – pelo que se depreende das palavras de Domingos Fernandes –, agora a obra camoniana saía com o aval e a proteção universitária, com uma vinculação que talvez a pusesse a salvo dos ativos ‘murmuradores’.

Para introduzir o livro, o editor estampa os sonetos laudatórios de D. Leonardo Turricano, o de Torquato Tasso, o de Diogo Taborda Leitão, o anônimo “Quem é este que na harpa lusitana?” e, em destaque, o de Diogo Bernardes, todos impressos na edição de 1598. Não são publicados, portanto, os de Frei Luís de Sousa, que homenageavam D. Gonçalo Coutinho, os de Francisco Lopes e Gaspar Gomez Pontino, que figuravam na edição de 1598. Quanto ao prólogo ao leitor, é praticamente o mesmo da edição de 1598, mas, como observamos, agora assinado por Domingos Fernandes, com o acréscimo da informação de que estava preparando a segunda parte das *Rimas* – que só viriam a ser publicadas nove anos mais tarde:

E nesta terceyra impressão não acrescento, as muitas obras suas que minha diligencia tem alcançado, & junto, dos mais

certos originaes nunca impressos: porque em a segunda parte destas Rimas, que fico preparando, sairão todas a luz, em breve tempo.

A licença do Santo Ofício, assinada por frei Antônio Freire em junho de 1606, afirma que o livro já tinha sido “muitas vezes impresso e emendado”: “mas assi como vai não tem cousa contra a nossa Sancta Fè, & bõs costumes”. Pode-se supor que, diante de um exemplar de 1598, e tendo conhecimento do trabalho feito por seus atencessores – frei Manuel Coelho, responsável pela licença da edição de 1595, e frei Antônio Tarrique, autor da licença de 1598 – que, aliás, não indicam terem feito emendas ao texto, o novo revedor tenha se apoiado na autoridade destes e nas emendas que supunha terem sido feitas para deixar o texto ser impresso sem alterações, o que não ocorreria na edição seguinte das *Rimas*, em 1614.

Os *Lusíadas* de 1609

No ano seguinte ao da publicação das *Rimas*, Domingos Fernandes já havia mudado de ideia sobre a quem dedicar os livros que publicava. *Os Lusíadas* de 1609⁵ – a primeira edição do poema feita pelo livreiro da Universidade de Coimbra – sai dedicado a D. Rodrigo da Cunha, “deputado do Santo Ofício”, a quem o editor parecia dever alguns importantes favores, e o início da epístola dedicatória é quase o inverso da anterior: “Mostrarão sempre os grandes príncipes tão bom rosto a qualquer agradecimento [...]”. Domingos Fernandes, ao que tudo indica, havia tido problemas com a Santa Inquisição e provavelmente conseguiu se livrar graças à proteção de D. Rodrigo da Cunha, que será nos próximos anos o defensor e, também, em 1616, compilador da obra de Luís de Camões. A epístola dedicatória em que Domingos Fernandes agradece a seu salvador, dedicando a ele esta nova edição de *Os Lusíadas*, será reproduzida, com pequenas atualizações, em quase

⁵ *Os Lusíadas de Luis de Camões, Príncipe da poesia heroica. Dedicados ao Dr. Dom Rodrigo da Cunha, Deputado do Santo Ofício*. Lisboa: Pedro Crasbeeck, à custa de Domingos Fernandes, 1609.

todas as próximas edições camonianas do editor, que não economiza palavras para demonstrar sua gratidão ao futuro bispo de Portalegre:

[...] lembrado das grandes merces, & favores tão pios, com que V.M. me foy servido appadrinhar a restauração de minha honra & vida, que eu tinha tam perdidas, & acabadas, que para desesperar de todo remedio d'ellas, me via algumas vezes em o ultimo termo: pareceome se hirião em mim acumulando as culpas de ingratião, com igual passo aos que desse na vida, sem, polo menos, publicar pelo mundo esta obrigação & reconhecimento: já que para os servir como criado, podia tão pouco (CAMÕES, 1609).

D. Rodrigo da Cunha, segundo Braga (1984, p. 480), possuía uma vasta biblioteca e era inclinado à poesia. A obra de Luís de Camões estava agora, portanto, sob a proteção de uma autoridade eclesiástica que valorizada as belas letras, e em lugar da esfera armilar e do escudo de Portugal, as armas dos Cunha figuram no frontispício da edição.

Na epístola dedicatória, Domingos Fernandes faz o costumeiro elogio do poeta e enfatiza a importância das traduções do poema⁶, dizendo que *Os Lusíadas* já eram

tam decantados pelo mundo, que as mais illustres Provincias delle, não se contentarão com menos, que approprialo a sy, o melhor que a variedade de suas linguas lhe dava faculdade. Como se tem visto em três traduções, que delles fizerão em castelhano, ua em Francez, outra Italiana, e ua em lingua Latina que ficou imperfeita (CAMÕES, 1609).

Esta edição também não traz prólogos ou sonetos laudatórios, como ocorrera com as edições anteriores do poema, e é bastante mal cuidada do ponto de vista tipográfico. Como as *Rimas* de 1607, o livro alterna cadernos com diferentes tipos de letras, sem nenhum critério que se relacione à organização do texto, e ainda um caderno impresso sem a necessária separação entre as estâncias. Há ainda uma desorganização, nos exemplares que vimos, quanto à ordem dos textos paratextuais:

⁶ Pedro de Mariz também fará referência, em seu prólogo biográfico, a traduções italianas e francesas, das quais nunca se teve notícia. Faria e Sousa afirma: “no ay quien tal aya visto”.

a dedicatória começa a ser impressa no verso da folha de rosto e as licenças vêm em seguida⁷, e não há o privilégio real anunciado no frontispício. Torna-se mais evidente, portanto, que Domingos Fernandes não produzia livros com a mesma qualidade gráfica e tipográfica dos impressos por Estêvão Lopes.

Quanto à lição do poema, vista a fórmula “assi como vão”⁸ empregada por Frei Antônio Freire na licença assinada em junho de 1606, que se estendia também às *Rimas*, e que indica alguma interferência censória, tudo leva a crer que ainda não era desta vez que a edição *princeps* do poema era reproduzida.

Os *Lusíadas* de 1612

A quinta edição do poema – a segunda a cargo de Domingos Fernandes – é uma reprodução da anterior: traz as mesmas licenças, datadas de 1606, e a mesma epístola dedicatória. A única diferença é que, desta vez, Domingos Fernandes corrigiu o erro de organização dos textos paratextuais, e pôs as licenças antes da epístola. Quanto ao texto, continua impresso em cadernos, que se alternam, com diferentes tipos de letra, da mesma forma que a edição anterior.

Apesar de as edições de 1609 e 1612 serem praticamente iguais, Domingos Fernandes indica diferentes tipógrafos como responsáveis pelas edições: enquanto o frontispício de 1609 traz a informação “por Pedro Crasbeeck”, o de 1612 diz “por Vicente Alvarez”. O que vem a confirmar a nossa hipótese: as duas edições do poema – assim como as *Rimas* de 1607 – foram impressas conjuntamente pelas duas oficinas tipográficas, daí os cadernos impressos, alternadamente, com diferentes tipos de letra.

⁷ De um modo geral, nos livros impressos em Portugal no século XVI, são sempre as licenças os primeiros textos paratextuais a figurarem em um volume, seguidas do privilégio e da epístola dedicatória.

⁸ “Vi este livro que se intitula *Rimas e Lusíadas de Luís de Camões*, o qual já foi muitas vezes impresso e emendado; mas assi como vai não tem cousa contra a nossa Santa Fé e bons costumes. Em O *Convento de Nossa Senhora da Graça de Lisboa*, a 15 de Junho de 1606. Fr. Antônio Freire.” In: CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas de Luís de Camões, Príncipe da poesia heróica. Dedicados a Dom Rodrigo da Cunha, Deputado do Santo Officio*. Lisboa: Vicente Alvarez, à custa de Domingos Fernandes, 1612.

Mas há um elemento que uniformiza as duas edições e que é uma inovação de Domingos Fernandes: a inclusão, no título, do famoso epíteto; e o poema passa a ser apresentado como *Os Lusíadas de Luís de Camões, príncipe da poesia heroica*.

Os Lusíadas de 1613

Trata-se do grande feito editorial de Domingos Fernandes. Depois das duas edições anonimamente comentadas de 1584 e 1591, o editor prepara uma edição com o aparato necessário a um poema épico dessa envergadura. Para tanto, conta com a contribuição do licenciado Pedro de Mariz, presbítero e bacharel em Cânones, autor dos importantes *Diálogos de vária História*,⁹ que escreve para essa nova edição do poema a primeira biografia de Luís de Camões, intitulada “Ao estudioso da lição poetica”, e que será mais tarde também incluída na *Segunda parte das Rimas*, em 1616.

Com o título *Os Lusíadas do grande Luís de Camoens, príncipe da poesia heroica*. Commentados pelo Licenciado Manuel Correa, Examinador Synodal do Arcebispado de Lisboa, & cura da Igreja de São Sebastião da Mouraria, natural da cidade de Elvas. Dedicados ao Doctor D. Rodrigo d’Acunha, Inquisidor Apostolico do Sancto Officio de Lisboa. Per Domingos Fernandes seu Lyvreiro,¹⁰ o poema é publicado com três textos preliminares¹¹ e com os copiosíssimos comentários do cura Manuel Correia, e sob o abrigo de um inquisidor do Santo Ofício, o que, obviamente, facilitaria enormemente a sua aprovação.

A licença para o livro com os comentários havia sido concedida em fevereiro de 1611 pelo frei Antônio Saldanha, antes, portanto, da edição de 1612 de *Os Lusíadas*:

⁹ *Diálogos de vária História*, publicado em Coimbra, em 1594, impresso na oficina de Antônio de Mariz, e reeditado em 1598.

¹⁰ Impresso em Lisboa, por Pedro Crasbeeck, à custa de Domingos Fernandes, em 1613.

¹¹ Epístola dedicatória a D. Rodrigo da Cunha; “O comentador ao leitor”, texto assinado por Manuel Correia; e a biografia de Pedro de Mariz.

Vi este livro do Poeta Luís de Camões, com razão tido em muita conta dos que entendem de poesia, e o comento que sobre ele fez o Padre Manuel Correa, em o qual, além de se declarar o sentido direito do Poeta, se expõem também alguns termos poéticos de que usou o Camões pera mais elegância dos versos, como é Fortuna, Fado, Deuses, e outros semelhantes, o que o comentador explica com muita doutrina, erudição e vária lição que teve, sem haver nele cousa contra nossa Santa Fé e bons costumes. Pelo que me parece digno de se imprimir (CAMÕES, 1613 apud ANSELMO, 1981).

Entre os textos paratextuais há um intitulado “O comentador ao leitor”, e que supostamente teria sido escrito por Manuel Correia:

Fiz há muitos anos estas anotações sobre os cantos de Luis de Camões, a petição de um amigo, sem intento de os imprimir, porque se o pretendera, com muito mais razão o fizera em vida de Luís de Camões, que mo pediu com muita instância. [...] Hoje o faço, só por sair pela honra de Luís de Camões, que por esta sua obra não ser entendida de todos, he caluniada de muitos, e declarada de alguns.[...] Peço ao leitor aceite esta obra com o animo, que lha eu ofereço, cãndido e amigo.

Nesse texto, podemos entender que Manuel Correia estava vivo quando seus comentários estavam a ponto de serem impressos. Mas, Pedro de Mariz, no prólogo biográfico, afirma que os papéis de Manuel Correia estavam em desordem após a sua morte, e que foi ele próprio [Mariz] que resgatara, em meio aos papéis, os comentários a *Os Lusíadas*: “Mas sua antecipada morte desordenou tudo de maneyra que, padecendo cruel naufragio, sò esta faisca de suas obras sahio a cima das aguas”. No entanto, ainda segundo Pedro de Mariz, Manuel Correia lhe tinha dado licença para imprimir os comentários: “Para o que o mesmo Comentador me tinha dado licença: sem a qual (pode ser) que lhe não metera a mão em sua sementeyra”. Parece, no entanto, bastante improvável que o cura da Mouraria tivesse redigido uma curta nota ao leitor, anos antes de a edição de Domingos Fernandes vir a ser impressa. Levando-se em conta os peculiares critérios editoriais de Domingos Fernandes, é

muito provável que o autor dessa curta nota (“O comentador ao leitor”) seja o próprio editor e não o comentador; ou, ainda, que seja um texto escrito por Domingos Fernandes a partir de algumas frases recolhidas dos comentários de Manuel Correia que, em suas notas, faz também observações pessoais sobre suas relações com o poeta.

Ainda nesse pequeno texto, lemos que *Os Lusíadas* tinham sido caluniados por muitos, “os quais sem lume nas letras humanas, lhe poem anotações, que servem mais de o escurecer, e desonrar, pois são contra o sentido do poeta, e verdade das histórias e poesia”, no que parece ser um ataque direto aos comentadores anônimos da edição dos Piscos (1584). No entanto, como mostramos em outro artigo¹², os comentários de Manuel Correia afinam-se perfeitamente aos comentários da edição de 1584. Esta afirmação, portanto, não parece ser obra de Manuel Correia, o que confirma a hipótese do pequeno texto ao leitor ter sido escrito por Domingos Fernandes, que tinha ali a intenção de mostrar que essa nova edição apresentava uma interpretação do poema inteiramente nova, inédita e fiel aos propósitos de Camões, a primeira a “declarar o sentido direito do Poeta”, como diz frei Antônio Saldanha. Parece também muito improvável que Manuel Correia, autor de notas extensas, pormenorizadas e eruditas, seria capaz de escrever tão curta e objetiva nota ao leitor.

Além dos copiosos e doutos comentários de Manuel Correia, Domingos Fernandes soube valorizar essa nova edição de *Os Lusíadas* com a primeira biografia do poeta, escrita por Pedro de Mariz, e está é a primeira vez, em Portugal, que uma obra poética é precedida de um texto biográfico sobre seu autor. No ano seguinte, as *Obras* de Sá de Miranda também seriam publicadas com uma “Vida”. Mariz, em seu esboço biográfico, traça um histórico das primeiras etapas da recepção da obra camoniana, e aponta três momentos distintos: o primeiro marcado pelo túmulo e pelo epitáfio erigidos por D. Gonçalo Coutinho, o segundo definido pelos comentários feitos por Manuel Correia, e o terceiro era justamente a edição de *Os Lusíadas* de 1613 com a publicação dos comentários. Pedro de

¹² “*Os Lusíadas* comentados. Leitores e leituras em 1584, 1591 e 1613”, in *Luiz Vaz de Camões revisitado*, Santa Barbara Portuguese Studies, v. 3, p. 117-132, 2003.

Mariz, desta forma, inscrevia a edição elaborada por Domingos Fernandes como o ponto culminante na recepção da obra camoniana em Portugal. O poema ganhava, enfim, a edição que merecia.

A primeira parte das Rimas – 1614

Pelo título dessa edição – Rimas de Luis de Camões. Primeira parte. Acrescentadas nesta quinta impressão¹³ – percebemos que entre a edição de 1607 (a terceira impressão) e essa que se publicava, uma edição se perdeu. Outra hipótese seria debitar a ‘quinta impressão’ a um erro de cálculo de Domingos Fernandes, que também no frontispício das Rimas de 1607 estampou incorretamente “acrescentadas nesta terceira impressão”, quando, na verdade, não havia acrescentos. Há uma evidência de que talvez uma edição da lírica publicada entre a de 1607 e a de 1614 tenha realmente se perdido. Na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro há um exemplar das Rimas identificado com a cota 17, 6, 9 n.1, sem a folha de rosto, que já foi objeto de algumas investigações que destacaram sua singularidade. Inocêncio, ao compará-lo a exemplares de outras edições das Rimas, observou:

[...] formulamos a seguinte conjectura: o nosso exemplar talvez pertença a quarta edição cuja data se não pode precisar, mas que necessariamente foi dada a luz, ou no ano de 1608 ou no ano de 1609, por diligência de Domingos Fernandes; talvez seja a própria de 1608, citada por Faria e Sousa, de cuja existência todos até aqui têm duvidado (SILVA, 1886).

O referido exemplar das Rimas está encadernado juntamente com um exemplar de *Os Lusíadas* de 1609 e atualmente está fora de consulta devido ao seu péssimo estado de conservação. Tivemos também a oportunidade de comparar esse volume a vários exemplares da edição de 1607, a um da edição de 1614, e a exemplares de *Os Lusíadas* de 1609 e 1612. Como já havia observado Inocêncio, o exemplar certamente não pertence à edição de 1607 ou de 1614. No entanto suas

¹³ *Dirigidas a D. Gonçalo Continho. Em Lisboa. Por Vicente Alvarez. Anno 1614.*

peculiaridades tipográficas (alternância de cadernos diferentes tipos de letra) aproximam-no, tipograficamente, das edições de 1609 e 1612 de *Os Lusíadas*, o que indica a possibilidade de que pertença a uma edição impressa entre esses anos. Caso essa hipótese esteja correta, Domingos Fernandes estaria sendo exato ao afirmar, no frontispício de sua nova edição das *Rimas*, que se tratava da ‘quinta impressão’.

Apesar do novo título – *Rimas de Luis de Camões. Primeira parte* – o que temos é, mais uma vez, uma reprodução da edição de 1598, como atesta a licença, e o “acrescentadas” do título, como em 1607, figura mais como uma propaganda de Domingos Fernandes, pois nenhum poema tinha sido acrescentado, como, aliás, o próprio editor observa no prólogo ao leitor, ao dizer, mais uma vez, que estava guardando os inéditos que descobrira para uma “segunda parte das *Rimas*”, que desde 1607 prometia publicar.

Se em 1606, frei Antônio Freire dera a licença dizendo que “assi como vai não tem coisa contra a nossa santa fé”, desta vez, diante da mesma obra (um exemplar de 1598)¹⁴, muda o seu parecer e torna-se mais severo, assinando em julho de 1614 a seguinte licença, e explicitando as modificações impostas pela censura: “Vi estas Rimas de Luis de Camões impressas no anno de 1598 & assi como vão emmendadas em quatro, ou cinco lugares, que julguey por indecentes, me parece que se podem imprimir”.

Para publicar esta nova edição da lírica, Domingos Fernandes, abandonando temporariamente D. Rodrigo da Cunha, volta a oferecer a obra a D. Gonçalo Coutinho, a quem Estêvão Lopes havia dedicado as *Rimas* em 1595 e 1598 –, e na portada volta a aparecer a gravura com a arma dos Coutinhos empregada nas edições impressas por Lopes. Em lugar de escrever uma nova epístola dedicatória, lança mão da redigida em 1595 pelo falecido Estêvão Lopes e, sem maiores escrúpulos, assina o texto com seu próprio nome – como fizera, aliás, com o prólogo ao leitor das *Rimas* de 1598 que publica como sendo de sua autoria em 1607. Portanto, o que vemos é a dedicatória que Estêvão Lopes havia

¹⁴ “Vi estas Rimas de Luis de Camões impressas no anno de 1598 [...]” [grifo nosso]. Licença de frei Antônio Freire, de 11 de julho de 1614.

feito para D. Gonçalo Coutinho dezanove anos antes, com poucas modificações, e assinada por Domingos Fernandes – que, aparentemente, se julgava proprietário não só dos direitos de publicação como dos próprios textos escritos por seu antecessor. O editor mantém também o mesmo prólogo de 1598, do qual já se havia apropriado em 1607, levemente atualizado. Quanto aos sonetos laudatórios, imprime todos os que figuravam em 1598.

Esta quarta ou quinta impressão não traz nada de novo, mas atesta o grande sucesso editorial das *Rimas* que, juntamente com *Os Lusíadas*, alimentaram com cinco (ou seis) edições – tiradas pelas mãos pouco cuidadosas de Domingos Fernandes – os “curiosos” leitores do princípio do século XVII.

A segunda parte das Rimas – 1616

Domingos Fernandes estava prometendo desde 1607 a segunda parte das *Rimas*, composta de inéditos camonianos, e, finalmente, em janeiro de 1615 consegue obter a licença de frei Vicente Pereira, que parece ter trabalhado atentamente na “revisão” dos poemas: “Vi este caderno, & o parecer dos Padres revedores, & me parece que mudado, & riscado o que em seus lugares de minha letra aponto, tudo o mais se pode imprimir”. O esperado volume com poemas de Luís de Camões nunca antes impressos traz não só novos sonetos, elegias, odes, canções, redondilhas e vilancetes, mas também dois autos que já haviam sido publicados em 1587 (*Enfatriões e Filodemo*) e ainda três cantos do poema intitulado “Da criação e composição do homem”.

Apresentando o livro, temos três textos preliminares: uma epístola dedicatória de Domingos Fernandes a D. Rodrigo da Cunha,¹⁵ que então já era “Bispo de Portalegre e do Conselho de sua Magestade”; um prólogo ao leitor escrito especialmente para essa edição; uma reedição do prólogo de Fernão Rodrigues Lobo Soropita (publicado em 1595) e a biografia de Pedro de Mariz (pela primeira vez impressa na edição

¹⁵ Essa epístola é uma adaptação das publicadas nas edições anteriores, mas o elogio a D. Rodrigo da Cunha é agora mais extenso e elaborado.

de 1613 de *Os Luziadas*). Em lugar dos sonetos laudatórios, temos dois epítáfios: o escrito por D. Gonçalo Coutinho e o que Martim Gonçalves da Câmara mandara esculpir no novo túmulo do poeta. Há outro elemento paratextual que evidencia a preocupação de Domingos Fernandes com a divulgação de seu trabalho como editor e também sua postura comercial em relação ao mercado livreiro. Trata-se de uma espécie de propaganda (reclame), das edições que tinha feito até então. Na página seguinte ao prólogo de Pedro de Mariz figuram os seguintes dizeres:

Livros que Domingos Fernandez tem impressos deste Autor.
 Os Luziadas sem commento
 Os Luziadas commentados
 Rimas Primeira parte
 Rimas Segunda parte

A tão anunciada edição da “segunda parte”, que havia custado sete anos de pesquisas a Domingos Fernandes, acabou rendendo um volume não muito alentado: eram apenas 59 poemas. Os dois autos, impressos na oficina de Antônio Álvares, e os três cantos do poema “Da criação e composição do homem”¹⁶, impressos na oficina de Pedro Craesbeeck, ambos em 1615, trazem portadas próprias como se fossem volumes separados¹⁷, e foram incluídos na edição talvez para engordar o volume. Domingos Fernandes, como fizera Soropita na primeira edição, mostrasse bastante esclarecido quanto à precariedade das atribuições autorais dos poemas então publicados e revela como D. Rodrigo da Cunha era, não apenas um protetor, mas também um camonista experimentado, tendo observado que os três cantos da “Criação do homem” não eram de Camões:

¹⁶ Obra do grande Luis de Camões, príncipe da poesia heroica. Da creação & composição do homem.

¹⁷ As portadas são as seguintes: 1) *Comedia de Filodemo. Composta por Luis de Camões*. Em Lisboa. Impressa com todas as licenças necessarias. Por Vicente Alvarez. 1615; 2) *Comédia dos Enfatriões. Composta por Luis de Camões*. Em Lisboa. Impressa com todas as licenças necessarias. Por Vicente Alvarez. 1615; 3) *Obra do grande Luis de Camões, príncipe da poesia heroica. Da criação, e composição do Homem*. Com as licenças necessarias. Em Lisboa, por Pedro Crasbeeck. Anno 1615. As licenças, entretanto, estão todas impressas após a portada principal (Rimas de Luis de Camões. Segunda Parte [...] Em Lisboa. Na officina de Pedro Crasbeeck. 1616) e não após cada uma das portadas individuais.

V.S. [D.Rodrigo da Cunha] me fez merce de aver a maior parte certificado serem do Author, outras me derão varias pessoas, & na mão de muitos senhores illustres achei tres Cantos da Creação do homem em oitava rima que vão no fim deste livro, & tendo os impresso V.S. me affirmou não serem seus; mas como os tinha impressos por ser obra muyto boa, & com o nome do Author a deixei hir estando esta obra começada¹⁸ (CAMÔES, 1616).

Os três cantos da “Criação do homem” eram, na verdade, parte de um longo poema de dez cantos intitulado *Microcosmografia e descrição do mundo pequeno que é o homem*¹⁹, de André Falcão de Resende (1981), cuja obra só viria a ser impressa em meados no século XIX em uma edição incompleta nos prelos na Universidade de Coimbra. Domingos Fernandes, mesmo sabendo que o poema não era de Camões, e de acordo com seus critérios editoriais, não o suprimiu da edição, mas o “deixou ir” “por ser obra muito boa”. O que nos leva a pensar que talvez esse mesmo critério tenha sido adotado para outros poemas sobre cuja autoria pairavam dúvidas. A inclusão dos três cantos do poema de André Falcão de Resende nas *Rimas camonianas* viria a se repetir nas *Obras de Luís de Camões*, com os argumentos do licenciado João Franco Barreto, e por ele emendadas nesta nova impressão, impressas na oficina de Antônio Craesbeeck de Mello entre 1666-1669.

Domingos Fernandes, no prólogo ao leitor, discorre sobre seu trabalho de pesquisa de manuscritos e seus critérios:

[...] gastei sete anos em ajuntar estas Rimas por estarem espalhadas em mãos de diversas pessoas, & ainda agora prometo para a segunda impressão, porque da India me tem escrito que me mandarão muitas curiosidades, & neste Reyno sei de aver outras mais, & desta maneira se ajuntou a Primeira Parte, fazendo vir da India, & pedindo neste Reyno a senhores illustres, & outras varias pessoas curiosas: tenho cumprido minha palavra mas fico empenhado, he necessario que os curiosos da lição Poetica, &

¹⁸ Epístola dedicatória “ao Illustrissimo e Reverendissimo Senhor D. Rodrigo d’Acunha, Bispo de Portalegre, & do Conselho de sua Magestade”.

¹⁹ O poema, dedicado ao Duque de Aveiro, é o primeiro a figurar no manuscrito quinhentista que guarda suas obras, sendo precedido de sonetos laudatórios e epístola dedicatória, o que assinala sua importância no conjunto da obra de André Falcão de Resende.

estudiosos cortesões, & senhores illustres comprem este livro, a quem o peço por merce, & se neste livro se acharem algumas cousas que não sejam de Camões não me ponham a culpa, que com boa fê as dei a impressão com muita diligencia, & gastando o meu dinheiro pera satisfazer, porque minha tenção não he outra cousa, que desejar de acertar, e tirãdo os olhos de mim ponhão no que offereço²⁰ (CAMÕES, 1616).

O editor lavava suas mãos, sobre os inéditos que apresentava – e lembremos que havia 18 anos, desde a edição de 1598, que nada se acrescentara – mas salientava que para defender Luís de Camões dos “novos Corbillos, & Cesares Caligulas, como contra Vergilio não faltarão”, lançava mão da “autoridade” do “Licenciado Fernão Rodriguez Lobo Çurripita professor prestantissimo de Leis, & insigne Advogado nellas”, cujo prólogo “por descuido meu se não tornou a imprimir as mais que as Rimas se estamparão”, e do prólogo biográfico do licenciado Pedro de Mariz, “que anda impresso em o comento que o Licenciado Manuel Correa fez aos Lusíadas deste Poeta, & todavia polla noticia que dá nelle de sua vida, & costumes, & porque nem todos terão ambos os livros em que o vejão não tive por desconveniencia tresladallo neste”.

Levar à aprovação da Santa Inquisição poemas inéditos, nunca antes revistos, era certamente um pouco mais complicado do que aprovar obra já várias vezes impressa. Talvez por isso, Domingos Fernandes tenha incluído nessa edição quatro sonetos devotos – uma novidade em se tratando de temática camoniana –, com títulos altamente pios, que parecem saídos de uma página do ortodoxo Baltazar Estação: “À Conceição da Virgem Nossa Senhora”, “À encarnação do Verbo Eterno”, “A Cristo Nosso Senhor no presepio”, “À paixão de Jesus Cristo Nosso Senhor”. Sena (1980a, p. 176) observou, a respeito desses sonetos devotos: “mas atentemos, desde já, no que tem de suspeita a aparição, em fecho da série, de quatro sonetos devotos, o que, tem 32 sonetos tidos como de Camões, dá a este uma muito anormal devoção de 12,5% [...] e pelo menos dois destes sonetos devotos são suspeitos quanto à autoria, enquanto sobre os outros já impendeu o desagrado dos críticos”.

²⁰ “Prologo ao leitor”.

Sena (1980b, p. 204) também faz interessante constatação: uma das redondilhas incluídas nesta nova edição, a glosa ao mote “Qué veré que me contente?”, aparece em um cancionero da Biblioteca Pública de Évora atribuído a Henrique de Almeida; além disso, uma versão muito semelhante, mas em português, foi publicada no *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende, também atribuída a Henrique de Almeida – o que põe a redondilha no território das atribuições autorais suspeitas.

Domingos Fernandes inclui em sua nova coletânea poemas que não eram tão inéditos assim: duas variantes de sonetos de 1598, uma variante da sextina “Foge-me pouco a pouco a curta vida”, e outra da canção “Manda-me amor que cante docemente”, que aqui aparece como “Mandame amor que cante o que a alma sente”. Tanto a sextina quanto a canção são precedidas de explicações que evidenciam um traço característico da transmissão e circulação da poesia no século XVI: a multiplicidade de versões de um mesmo poema. Tendo deparado com diferentes versões de poemas registrados em papéis recolhidos em Portugal e na Índia, Domingos Fernandes, ao que tudo indica, selecionou algumas para sua nova edição, mas não deixou de incluir seus próprios comentários. Sobre a sextina, diz Domingos Fernandes: “Esta está impressa tão errada que não parece do autor, e foi emendada por elle nesta forma”. Desautoriza, portanto, a versão publicada nas edições anteriores e aponta a *nova* como a “correta”.

Sobre a canção “Manda-me amor...”, o editor também dá o seu parecer, desta vez menos restritivo:

Esta canção duas vezes fez o mesmo autor com os mesmos conceitos, mas termos tão diferentes que totalmente é outra; uma se imprimiu que começa Mamdame amor que cante docemente; esta é tao boa que não se deixa ver qual é a que ele aceitou, e assim ambas são merecedoras de se imprimir.

Domingos Fernandes, em seu afã em reunir inéditos, faz com que figurem nessa edição duas versões de um mesmo soneto – que não são impressas lado a lado, mas a páginas de distância um do outro,

provavelmente para não tornar evidente a semelhança entre eles: “Doces aguas, e claras do Mondego” e “Delgadas aguas claras do Mondego”.

Entre os sonetos ‘inéditos’ publicados, o número 33 já aparecera na *Relaçam do Solene Recebimento*²¹, em 1588, numa versão algo diferente, com a autoria atribuída a André Falcão de Resende. Sena (1980a, p. 177) acredita que são dois sonetos ao mesmo tema e pelos mesmos consoantes, o que pode ser indicativo de uma troca poética.

Ao analisar vários exemplares dessa edição, constatamos que, como ocorre com as outras elaboradas por Domingos Fernandes, há várias diferenças entre eles no que toca ao paratexto: há dois tipos de redação tanto no prólogo ao leitor quanto na biografia de Pedro de Mariz. Como já observou Dias (1995), por uma questão de organização dos dois epitáfios publicados, Domingos Fernandes, depois de ter impresso alguns exemplares, percebeu que os textos ficavam muito distantes um do outro, tendo por isso resolvido colocá-los na mesma página e, para tanto, cortou e reescreveu o seu prólogo ao leitor e também modificou a redação do texto de Pedro de Mariz de modo a atualizá-lo inserindo uma informação sobre o epitáfio latino inscrito no novo túmulo erguido por Martim Gonçalves da Câmara. Pedro de Mariz já havia falecido, como nos informa o próprio Domingos Fernandes em seu prólogo, e por isso não chegou a ver seu esboço biográfico alterado pelo editor. Pode-se imaginar a confusão que se criou na encadernação das diferentes versões do paratexto dessa edição. João José Alves Dias descreve dois tipos de exemplares existentes na Biblioteca Nacional de Lisboa: o primeiro (com os epitáfios separados por várias páginas), e o segundo (com os epitáfios na mesma página e os textos modificados por Domingos Fernandes). Mas nem tudo foi encadernado nessa ordem, do que é testemunha o exemplar da biblioteca da professora Cleonice Berardinelli, que resulta num híbrido dessas duas versões, trazendo duas vezes o epitáfio de Martim Gonçalves da Câmara, a primeira versão do prólogo de Domingos Fernandes e a segunda versão do de Pedro de Mariz.

²¹ *Relaçam do solenne recebimento que se fez em Lisboa ás Santas Reliquias que se leváram á igreja de São Roque da Companhia de IESV aos 25 de janeiro de 1588*. Pelo licenciado Manoel Campos. Impressa em Lisboa, por António Ribeiro, em 1588.

Domingos Fernandes tentou fazer o que fariam mais tarde outros editores da lírica camoniana. Postergou ao máximo a edição de sua “segunda parte” das *Rimas* com a intenção de recolher material que justificasse o novo volume, mas não foi bem sucedido, tendo conseguido amearhar somente algumas versões de poemas conhecidos, e pouco mais. Sua ‘segunda parte’ é uma espécie de pré-história do movimento de diástole do cânone camoniano que viria se iniciar com a monumental e apaixonada edição de Manuel de Faria e Sousa. Foram, provavelmente, as edições de 1613 de *Os Lusíadas* e de 1616 das *Rimas* que viriam a provocar as organizadas pelo eminente camonista. Como podemos notar por esse esclarecedor comentário a respeito de Manuel Correia:

[...] aunque este hombre era tenido por muy docto, yo en viendolos [*os comentários*], no dudé de que lo seria en otras ciencias, ni de que en esta era ignorante; porque le ví embaraçado con declarar fábulas, y Historias tocadas en el Poema, sin que tocasse en las imitaciones conocidas, quãto mas en lo recondito, y misterioso de la invencion, ni de la alegoria, ni de las otras bellezas de aquel Divino Poema. Yo, que de lo uno, y de lo otro me hallava mejor informado (aunque mucho menos de lo que convenia) me llené de colera, y empecé á hacer algunos aparatos para comentarle [...] solo para mostrar a las personas con que trataba, quan lexos avia estado el Correa de entender aquella maquina (FARIA E SOUSA, 1972).

Referências

ANSELMO, Artur. Camões e a censura inquisitorial. *Arquivos do Centro Cultural Português*, v. 16: Camões. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1981.

BRAGA, Teófilo. *História da literatura portuguesa*. Renascença. Lisboa: IN-CM, 1984. v. 2.

CAMÕES, Luís de. *Rimas de Luis de Camões*. Acrescentadas nesta terceira impressão. Dirigidas a la inclita Universidade de Coimbra. Lisboa: Pedro Crasbeeck, à custa de Domingos Fernandes mercador de livros, 1607.

CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas de Luis de Camões, Príncipe da poesia heroica*. Dedicados ao Dr. Dom Rodrigo da Cunha, Deputado do Santo Ofício. Lisboa: Pedro Crasbeeck, à custa de Domingos Fernandes, 1609.

CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas de Luis de Camões, Príncipe da poesia heroica*. Dedicados a Dom Rodrigo da Cunha, Deputado do Santo Ofício. Lisboa: Vicente Alvarez, à custa de Domingos Fernandes, 1612.

CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas do grande Luis de Camões, príncipe da poesia heroyca*. Comentados por Manoel Correa, dedicados ao doctor [...]. Lisboa: Pedro Crasbeeck, à custa de Domingos Fernandes, 1613.

CAMÕES, Luís de. *Rimas de Luis de Camões*. Primeira parte. Acrescentadas nesta quinta impressão. Lisboa: Vicente Alvarez, à custa de Domingos Fernandes, 1614.

CAMÕES, Luís de. *Rimas de Luis de Camoes*. Agora novamente impressas com duas comedias do autor. Com dous epitafios feitos a sua sepultura e hum prologo em que conta a vida do author. Lisboa: Pedro Crasbeeck, à custa de Domingos Fernandes, 1616.

DIAS, João José Alves. Em torno das *Rimas* de Camões (1595-1616). A coleção da Biblioteca Nacional. Oceanos. Agora, peregrino, vago e errante. *Rhythmas – 400 anos*, Lisboa, n. 23, p. 24-53, jul./set. 1995.

FARIA E SOUSA, Manuel de. *Rimas várias de Luis de Camões*. Comentadas por Manuel de Faria e Sousa. Primeira Parte. Edição comemorativa. Prefácio de Jorge de Sena. Lisboa: IN-CM, 1972.

FARIA E SOUSA, Manuel de. *Rimas Várias de Luis de Camões*. Comentadas por Manuel de Faria e Sousa. Primeira Parte. Edição comemorativa. Prefácio de Jorge de Sena. Lisboa: IN-CM, 1972

HUE, Sheila Moura. Os Lusíadas comentados. Leitores e leituras em 1584, 1591 e 1613. *Santa Barbara Portuguese Studies*, Santa Barbara/Coimbra, v. 3, p.117-132, 2003.

RELAÇAM do solenne recebimento que se fez em Lisboa ás Santas Relíquias que se leváram á igreja de São Roque da Companhia de IESV aos 25 de janeiro de 1588. Pelo licenciado Manoel Campos. Lisboa: Antônio Ribeiro, 1588.

RESENDE, André Falcão de. *Poesias*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1981.

SENA, Jorge de. *Os sonetos de Camões e o soneto quincentista peninsular*. Lisboa: Edições 70, 1980a.

_____. *A estrutura de “Os Lusíadas” e outros estudos camonianos e de poesia peninsular*. Lisboa: Edições 70, 1980b.

SILVA, Innocência Francisco da. *Dicionário bibliográfico português*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1886. v. 15.